

# Jornada Real

## para Ser

135 - T.12

### A Cosmogênese do Ego

texto

#### É possível conhecer o absoluto?

a busca da solução  
do mistério

1. Apesar de o início da vida se manter recheado e coberto de mistério, e a tentativa de decifrá-lo poder ser considerada um absurdo, mesmo assim o ser-humano não se deixa inibir por esta dificuldade que parece intransponível e, cientistas e filósofos, religiosos e artistas se mantêm ativos na tentativa de, mesmo que não seja para oferecer a solução, ou dar a última palavra, lançar alguma luz sobre a questão.

a mente intelectual  
não pode  
alcançar a resposta

2. Há um argumento que defende que este mistério não será decifrado por aquele que estiver usando o recurso do intelecto, o instrumento da linguagem, ou for movido pela intenção de demonstrar a solução a outrém, sem contudo querer, com isto, retirar um papel preliminar e importante que cabe à mente intelectual ocupar, e que inclusive está sendo utilizado agora, aqui. Mas seu campo de ação seria limitado, porque na sua abordagem se encontra a dualidade como base, que não tem a propriedade de adentrar o absoluto, onde por pressuposto o mistério paira, e que adentrado se resolveria, se é que na sua intimidade haveria algo para ser resolvido.

conhecimento relativo  
arranha a essência  
e apenas  
revela sua aparência

3. A premissa de que a dualidade não tem capacidade para adentrar o absoluto é que o conhecimento que se adquire no plano onde prepondera a razão, e se utiliza o recurso do intelecto, é relativo. Porque ele é um conhecimento analógico. Sua base é: conhece-se uma coisa através de uma outra. Para ilustrar poderíamos usar o exemplo do dicionário - ou seja, para saber o significado de uma palavra somos remetidos para uma outra palavra, que necessitamos conhecer *a priori*, para apreendermos o significado daquela. E, em função da sequência interminável ou que se fecha em si mesma, a pergunta que se impõe é: então como se conhece a primeira coisa? No exemplo, a primeira palavra? O conhecimento analógico parece possibilitar o conhecimento de todas as coisas, mas além disto não ser verdade, não é ele também que sustenta o conhecimento da primeira coisa. O conhecimento que tem sua base na dualidade apenas arranha a essência e fica com a aparência, que é o que pode ser comunicado.

conhecimento relativo  
x  
conhecimento  
direto

4. O que dá a possibilidade da primeira coisa ser conhecida, assim como também as demais, é o conhecimento total, direto, ou noutras palavras, o Conhecimento, que reside no interior daquele que procura conhecer. Mas este conhecimento está velado. E estando velado, lhe resta o conhecimento relativo, que é um reflexo daquele no psiquismo. Assim, por consequência, usando a capacidade de adquirir o conhecimento relativo, seja premido pela necessidade, seja estimulado pela curiosidade, o ser-humano se dirige ao

mundo externo dos objetos como sendo a única realidade, que passa a ser conhecida na aparência, indiretamente.

conhecimento direto  
e a  
primeira coisa

5. Poder-se-ia terminar com esta questão agora, dizendo que não há nada para ser conhecido que não seja a primeira coisa. Para tal é preciso que o conhecimento direto esteja disponível, e quando ele está vigente não há distinção entre conhecedor, conhecido e conhecimento. E isto, que é junção dos três, que é inominável, é a primeira coisa. Ou, isto é *uma* forma de se falar da primeira coisa. Que até caberia também considerar que a primeira coisa não existe como tal, que não se poderia isolá-la para que viesse ocupar um campo de conhecimento. E, embora se possa interromper o curso da busca em qualquer ponto do caminho, fazendo um retorno à unidade, o que seria uma nova opção pela unicidade, o curso da busca pode ser prosseguido como um processo que tem começo, meio e fim, que é o que vamos fazer aqui, com a intenção de apresentar a Cosmogenese e a psicodinâmica do ego.

a essência una  
em  
todas as coisas

6. De uma outra forma se diria que a essência, que é una, está em todas as coisas, e pode ser conhecida em qualquer coisa, quando o sujeito conhece o objeto a partir de sua própria essência e não de sua aparência. Ou seja, o conhecedor não se vê mais como distinto do objeto do seu vínculo, ele e o outro são um só, e quem lhe revela isto não é o conhecimento relativo, mas o conhecimento direto, e isto é a experiência pura, além das palavras, além da mente intelectual.

7. E como cada parte perdeu este conhecimento direto?

o paradoxo  
do  
vedanta

8. No Vedanta se diz que: **Brahma é real, o mundo é irreal, e o mundo é Brahma.** Um paradoxo para ser resolvido, com o auxílio de uma outra informação que o texto sagrado traz, afirmando que **o real é aquilo que é eterno, imutável e permanente.** O que é finito, mutável e impermanente é irreal.

nossa dupla  
identidade  
- pessoal e  
transpessoal

9. O mundo é constituído de muitas coisas, inclusive de nós, os seres humanos. Assim, nós, como parte constituinte do mundo, somos irrealis, de acordo com a segunda assertiva, já que estamos em constante mutação. O que fomos há um mês já não o somos mais, e nem mais seremos amanhã o que estamos sendo hoje. Mas de acordo com a terceira assertiva o mundo também é Brahma, ou seja, a divindade. Como pode o mundo, e por consequência nós, sermos irrealis e reais (Brahma), ao mesmo tempo? Somos irrealis quando nos vemos como uma parte em constante mudança - a identidade pessoal. Mas seremos obrigados a nos considerar reais, de acordo com o texto, se nos virmos sem mutação, permanentes - a identidade transpessoal, a que está além da personalidade, a que revela Deus em nós. Há uma parte em nós que muda sempre, e outra, que não é parte, mas o todo, que é permanente.

a relação entre  
identidade pessoal e  
conhecimento relativo  
e identidade  
transpessoal e  
conhecimento direto

10. O buscador ou o conhecedor tem uma identidade pessoal, que está em constante transformação, e nela reside o conhecimento relativo. E tem uma outra, a transpessoal, que é permanente, eterna e imutável, que coincide com o conhecimento absoluto. De ordinário ele apenas se reconhece como uma individualidade que é distinta de tudo que o cerca, e que ele, de posse de um intelecto prodigioso, vai conhecendo, vai dominando com um sentimento de segurança. Não percebe que quem lhe garante o conhecimento indireto e

relativo sobre o seu meio é o conhecimento absoluto, que coincide com a sua verdadeira identidade, esquecida e relegada.

o alcance ilusório  
do  
conhecimento relativo

11. Quanto mais ele vai conquistando mais vai querendo dominar, numa expressão que reflete seu afã pelo absoluto, que ele tenta substituir pelo avanço numérico de suas conquistas. Até que ele admite desejar mesmo o domínio do absoluto. Só que se equivoca pensando que o absoluto é um objeto a mais que lhe seria dado a conhecer, ou a soma deles. E quer se relacionar com ele, ainda na base de ele sendo o conhecedor, que obtém o conhecimento do absoluto (objeto de investigação).

a conquista do  
conhecimento  
absoluto  
é resultado  
do  
autoconhecimento

12. Se ele quiser estar de posse do conhecimento absoluto, se quiser conhecer a primeira coisa é, então, necessário voltar a busca para dentro de si, mas não basta a forma convencional, analítica, com que ele procura conhecer os objetos externos. Para se falar deste método, na abordagem transpessoal, que inclui a autoterapia, com a análise filosófica e a prática meditativa, torna-se preciso fazer algumas considerações a respeito de como ele perdeu a condição que ele busca retomar.

primeiro,  
a empreitada do  
intelecto

13. Primeiramente esta busca será encaminhada através da mente intelectual. Mesmo considerando a inviabilidade da empreitada, por este meio, ela será empreendida, para se definir até onde ela pode ir e o que se apreende neste trajeto, para descobrir o emprego de outro recurso a partir deste limite.

### A gênese da criação - separação entre Ser e ego

o absoluto  
e a unidade

14. No absoluto somente há uma coisa e esta é a unidade, a totalidade, Deus, o Criador, o Incriado.

a máxima de  
Trismegisto

15. Para expor este relato sucinto da cosmogênese e psicodinâmica do ego começaremos com a Tábua de Esmeralda de Hermes Trismegisto, que contém a seguinte assertiva: “O que está embaixo é igual ao que está em cima, e o que está em cima é igual ao que está embaixo, para realizar o milagre de uma só coisa”.

o absoluto  
e o  
relativo

16. O que está em cima é o absoluto, também denominado de Deus, de o Criador. O que está embaixo é o relativo, a criatura. Em cima o plano do absoluto, da unidade, da totalidade. Embaixo, o plano da relatividade, dualidade, da parcialidade.

a gestação como  
analogia

17. O conteúdo da Tábua de Esmeralda aponta para uma analogia entre estes dois planos, que começaremos a abordá-la com o auxílio do fenômeno da gestação e do nascimento do ser humano, no plano de baixo, buscando compará-lo com um outro possível nascimento no plano de cima. Olhamos para o começo daqui, e supomos a possibilidade de existir um outro começo, no plano de cima, que nesta hipótese guardaria uma similaridade com o que ocorre neste plano. Haveria uma analogia entre o nascimento na Terra, no plano existencial, do ser humano, e o da criatura no plano divino, e ainda o do ego, no plano psíquico, ou energético. (Desta forma está posto que há três e não dois planos. O plano divino, absoluto; o plano existencial, relativo; e um terceiro, intermediário, o plano energético ou psíquico. Embora a analogia que esteja sendo desenvolvida no momento seja entre o plano

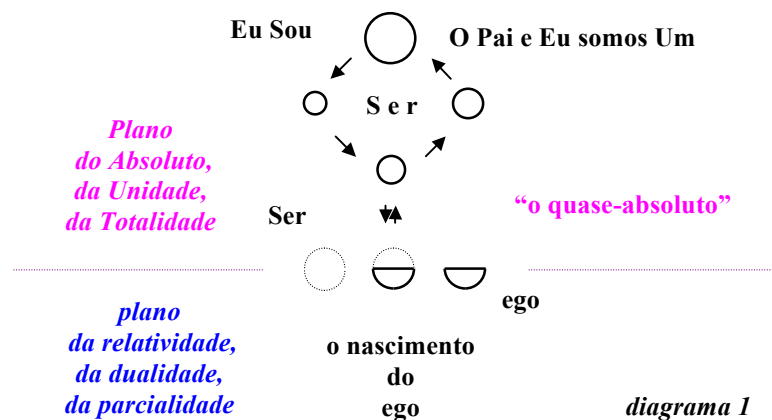
divino e o existencial, o tema prioritário deste texto é sobre a relação entre o plano divino e o plano psíquico, que começará a ser abordada em seguida com o nascimento do ego).

semelhança e diferença  
entre a gestação da  
criatura  
e a do ser humano

18. Tal como há um embrião, um feto, se desenvolvendo, no ventre da mulher, para chegar a ser uma pessoa como os progenitores, também há, no seio do Criador, a criatura formando com Ele a unidade, com o destino de alcançar a semelhança com Deus. Há uma diferença básica entre estas duas criações que decorre da limitação da parte em comparação com o Todo. Enquanto o ser-humano para gerar precisa reunir duas partes, feminino e masculino, o Criador reúne estas duas partes em si, e é capaz de gerar independentemente.

a unidade  
da criatura com  
o Criador  
na gestação

19. A criatura se desenvolve na intimidade do Criador, como uma unidade, e aqui mais uma vez é reforçada a posição de que o desenvolvimento não ocorre desta forma, já que desenvolvimento compreende um processo, em que há partes diferentes em tempos também distintos. E no absoluto o espaço e tempo se fundem numa única grandeza que poderia ser denominada de “espaço-tempo”. (Mas não se refere à grandeza da Teoria da Relatividade). O que precisa ser destacado é o desenvolvimento da criatura, *como uma unidade* com o Criador, no plano absoluto. **(diagrama 1)**



a gênese do ego,  
da dualidade  
e da  
enfermidade

20. No final deste processo a criatura e o Criador são um só - como na afirmativa do Cristo “o Pai e eu somos um.” Mas “um” diferente daquele do início, e se não fosse uma heresia contra o princípio do absoluto poderia ser dito “um melhor”, mais aprimorado. A evolução para este “um melhor” permite que haja mudança de rota no processo, com a utilização do livre-arbítrio, inerente à criatura. E ao fazer uso desta liberdade de escolha pode optar por um caminho diferente, em que a criatura se separaria do Criador, e daria nascimento ao ego, fundando um plano distinto, inaugurando o plano da dualidade. A criatura passa a ser chamada de ego, e o Criador, de Ser. A gênese do ego coincide com a gênese da enfermidade.

o “quase-absoluto”

21. O absoluto que está sendo falado não é o absoluto que é inabordável em si. Então estamos falando de um *como-que-absoluto*, ou um *quase-absoluto*, que sob um outro enfoque não deixa de ser relatividade. O *quase-absoluto* é uma licença literária ou acadêmica, para *se falar* do absoluto.

o zero e o um  
da  
criação

22. Este é o instante **um** da Criação. Também pode ser chamado de instante **zero**, porque é difícil, senão impossível, dizer onde a individualidade passa a existir como parte distinta. Ou melhor, quando *ela acha* que passa a existir como parte separada, ou quando é este momento em que ela perde a consciência de ser o Todo. O **zero** seria o instante inabordável da Criação, enquanto o **um** seria este que é também inabordável, mas do qual estamos ousando falar, e estabelecer como marco do início. O zero é o absoluto; o um, como momento da Criação, é o *quase-absoluto*, onde a criatura se separa do Criador, e aparece o ego e o Ser.

quem escolhe o  
caminho do dois,  
ou o segundo  
caminho?

23. Então o ego aparece como parte distinta do Ser no momento em que a criatura *decide* seguir um caminho diferente daquele que lhe está indicado para o seu “processo evolutivo”. Observe que não há a criatura como parte isolada, e sim criatura-Criador. E como ocorre esta decisão pelo *caminho diferente*? É a criatura ou é o Criador quem decide? E nos deparamos com a resposta que pode nos levar de novo a outro paradoxo (Vide o paradoxo do vedanta). É um, é outro, é ambos, não é nenhum.

a quebra  
do  
paradoxo

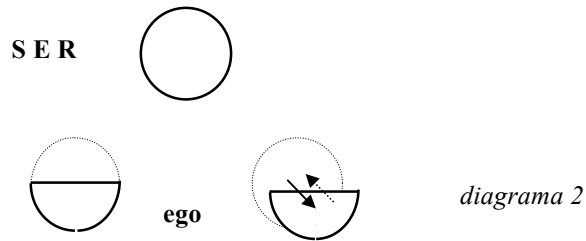
24. Se consideramos que tudo surge do plano do absoluto, e que nele não há dois, não cabe também definir qual deles tomaria a decisão. Se há uma consequência dolorosa para esta escolha, que é o sofrimento inerente à vida de ego, esta escolha não poderia ser feita pelo Criador, sábio e amoroso, perfeito, por pressuposto. Então, a decisão seria assumida pela criatura. Mas aí se admitiria a existência de um segundo, a criatura, no plano do absoluto. Os dois, que é(são) um, faria(m) a escolha. Assim, ficamos com o paradoxo, que não soluciona a questão. Mas podemos ainda trazer mais uma consideração: estamos tentando resolver esta questão, do ponto de vista do ego. Admitamos que possamos olhar para o problema do ponto de vista do Ser. Se isto não fosse um contra-senso, *o ponto de vista do Ser...* e é justamente um contra-senso, porque para o Ser não há esta questão, não há o plano da relatividade, não há o ego. O que é real é apenas Brahma, o plano do absoluto, e sendo assim não há nenhum problema para ser resolvido.

a gênese do ego  
como Ser

25. Com respeito à gênese do ego cabem algumas considerações. O desejo do ego, ao surgir, é que ele possa experimentar, ou continuar experimentando, a plenitude que lhe é própria enquanto no plano do absoluto. E ele consegue este objetivo no primeiro instante, como sói acontecer com todo o desejo quando satisfeito - ou seja, toda vivência de prazer outra coisa não é senão a entrada no campo de vivência do Ser. O nascimento do ego é, então, uma vivência de prazer. Ele consegue, no primeiro estágio de sua criação, trazer a plenitude do Ser.

a primeira  
dualidade

26. Com o nascimento do ego se estabelece a primeira dualidade, que é entre o ego e o Ser. A primeira dicotomia, ou dicotomia-raiz, de onde as outras emergirão. No Ser a dualidade está presente, mas como integrada ela não é dualidade, e sim, unidade. Com o surgimento do ego diversas dualidades vão começar a se manifestar, e como unidade elas já existiam antes do nascimento do ego. **(diagrama 2)**



### Os três primeiros estágios da gênese do ego

27. A próxima dicotomia a ser abordada é a da razão (pensamento) e emoção, que existiriam como unidade *a priori*. Com a gênese do ego elas passam a se apresentar como fragmentações, ou conteúdos fragmentados do ego. E este primeiro par dual assume relevância na cosmogênese do ego, já que o seu nascimento é resultado da acentuação de uma em detrimento da outra. Ou seja, foi necessário, que a razão (pensamento) fosse subtraída ou reprimida, para que a emoção, preponderando, pudesse dirigir o processo para uma mudança de rumo, e originasse a consciência com uma manifestação restrita. E a emoção preponderando, trouxe consigo o prazer, como sendo a primeira representação da emoção. Mas o prazer, que também constitui uma unidade com a sua contraparte oculta, o desprazer, se alterna com esta na manifestação. Ora um, ora outro. Para que o ego surgisse, foi necessário que se escondesse a razão, e que a emoção ganhasse frente neste primeiro estágio do processo.
28. No segundo estágio há a retomada da razão, que aponta para a inadequação do movimento que originou o ego, porque apesar de num primeiro momento proporcionar o prazer, este, por decorrência natural da dualidade que surge, não existe sem a sua contraparte, o desprazer, que já é pressentido pela razão para o terceiro estágio, onde o aparecimento da vivência sofrida do ego como entidade separada, e portanto incompleta, é inexorável.
29. Apesar de preponderar a razão como guia do segundo estágio não pode ser deixado de perceber que há aí também a emoção em forma de desprazer. O desprazer da culpa, por ter feito errado no primeiro estágio, somado ao desprazer de vislumbrar o sofrimento que corresponde à sua condição de separado, de incompleto, no terceiro estágio.
30. De forma similar é possível fazer um exercício de dualizar – o jogo da relatividade dialética – e considerar que o primeiro estágio pode ser comandado pela razão equivocada que escolhe o caminho do diferente e desvirtua a emoção. Aqui há o mesmo tipo de questão irrespondível que desaguou no paradoxo sobre quem fez a escolha pela via que resultou na queda no plano da relatividade, o ego ou o Ser.
31. A tríade que expõe o drama do ego pode ser abordada de duas formas que não se excluem. Como um movimento retilíneo, sequencial, em que o segundo estágio (v2) sucede o primeiro (v1) e antecede o terceiro (v3), e como um movimento circular, em que a ordem da sequência começa em

outros pares:  
emoção e razão,  
prazer e dor

a razão  
no 2º estágio  
vistoria o 1º e 3º  
estágios

a emoção no 2º estágio

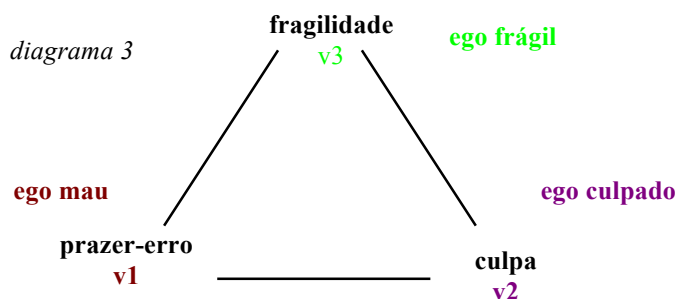
a razão  
comandando  
o 1º estágio

a tríade,  
retilínea ou circular,  
do drama inicial  
do ego

qualquer um dos vértices, e segue em qualquer direção. Isto porque os três formam uma unidade inextrincável na origem do ego. Desta forma a emoção e a razão, embora consideradas separadas, com uma delas tomando a dianteira no nascimento do ego, para a outra preponderar no segundo estágio, elas podem ser tomadas juntas, presentes, em ambos os estágios, e dependendo apenas de que enfoque está sendo dado para se afirmar quem está no primeiro plano, influenciando prioritariamente o estágio, e quem está num segundo plano.

prazer-erro,  
culpa e medo  
nos vértices do  
triângulo

32. Tem-se aí a primeira tríade do psiquismo humano que vai revelar o drama existencial da humanidade: prazer-erro, culpa, fragilidade. Ou, equacionado de outra forma, seria exposto assim: prazer-erro + culpa = medo. Representada através de uma figura geométrica, o triângulo, cada estágio vem ocupar um dos seus vértices. Assim, o prazer-erro está no vértice 1, ou V1, a culpa no vértice 2, ou V2, os dois vértices da base, e o medo no vértice 3, ou no V3, no alto. Em cada vértice, e portanto fazendo parte daquele estágio correspondente, vai estar presente um tipo de ego. No v1 o ego mau, no v2 o ego culpado, e no v3 o ego frágil. (**diagrama 3**)



os três medos  
básicos

33. Desenvolvendo o conteúdo desta tríade e sua relação com o Ser se adentra nos três principais medos que assolam a humanidade: o medo da morte, o medo da solidão e o medo de não saber quem é (que está na raiz do medo da loucura).

o ego que mata  
e o  
ego mortal

34. O ego nasce como o resultado de um movimento que faz com que ele “mate” o Ser. Ele, na verdade, não mata o Ser, porque este o acompanha invariavelmente, e se mantendo subjacente a qualquer de suas manifestações, é ele que o alimenta, permitindo que o ego se manifeste como tal. Então, no vértice 1, para ele usufruir o prazer de adquirir uma existência de individualidade, “autônoma”, ele precisa matar o Ser. No vértice 2, ao retomar a consciência da inadequação daquela auto criação, ao tê-la como um erro, já que vislumbra a fragilidade que lhe é inerente na condição de parte como consequência desta criação, vem o sentimento de culpa com o conteúdo de morte, ou seja, a culpa por ter “matado”, ou por achar que matou. E no vértice 3 surge o medo da morte, que nada mais é do que o medo de que aconteça consigo aquilo que provocou no “outro”.

o ego que abandona e o  
ego abandonável

35. Para o ego usufruir, no v1, o prazer de uma existência à parte ele precisa abandonar o Ser. A rigor ele não O abandona totalmente. No v2, retornando a consciência que esteve relegada a outro plano, ele percebe o erro desta busca de um caminho próprio, uma forma de culpa de ser

solitário com prazer, para então vir a experimentar o medo de ser abandonado, ou o medo da solidão, no v3.

o ego que desidentifica  
e o  
ego não identificável

36. Para o ego vir a experimentar o prazer de se identificar com alguma coisa própria, específica, o prazer de ter uma identidade individual, ele precisa se desidentificar do Ser. Mas com o retorno, no segundo estágio, da razão que fora negada no nascimento do ego, ele percebe a inadequação do seu movimento, e o prazer-erro somado à culpa, vai gerar, no estágio seguinte, o medo de não saber quem é, tão comum de ser vivido quando aparece a ameaça de uma avalanche do inconsciente desidentificado sobre o consciente identificado.

a gênese  
dos três  
medos básicos

37. Assim, com conteúdos distintos, que correspondem a uma maneira diversa de enfocar a mesma coisa - que é a saída do ego da dimensão transpessoal – mas com um mesmo mecanismo – que é a dinâmica da tríade do ego nascente –, fica apresentada a gênese dos três medos básicos que movem a humanidade.

### Os componentes reativos do ego

o 1º componente  
reativo:  
a reparação

38. Experimentando o seu sofrimento metafísico, o ego precisa fazer algo na tentativa de pensar a ferida do seu nascimento. Ele tem duas possibilidades que viriam a constituir os dois próximos vértices da nova figura a ser formada (uma pirâmide de base quadrangular). Para não permanecer à mercê dos medos que, superlativos, são como que insuportáveis, ele busca primeiramente a iniciativa da reparação (o primeiro componente reativo), com o que poderia compensar o erro do v1, se eximir da responsabilidade que a culpa aponta, e neutralizar o sofrimento de se aperceber frágil.

o erro  
do  
ego bom

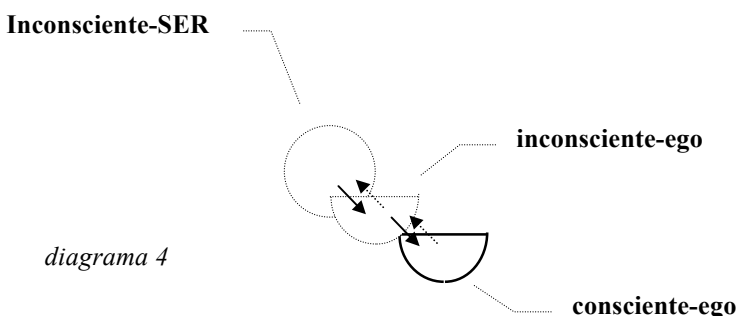
39. Reparando o erro através da atitude de ego bom (eb), ele se reabilita para poder experimentar o prazer de novo, sem o fantasma da culpa a lhe perseguir, e ainda se considerar com a dívida saldada. Se não fosse a intenção de achar que, como ego, pode se livrar do passado, do inconsciente, e viver apenas uma só coisa, até que o seu objetivo seria razoável. Mas como o ego é dual por natureza, assim, não tem como viver um só aspecto, pois que há de se manifestar como uma parte, isoladamente agora, para logo em seguida se alternar com a sua contraparte. A mesma força que levou a contraparte para o inconsciente é a que a traz de volta, para o consciente.

o  
Inconsciente-ego  
e o  
Inconsciente-Ser

40. Como do um se faz o dois e do Ser se faz o ego (respeitando o paradoxo já discutido nos parágrafos 21, 22 e 23), o nascimento do ego, como parte, é a inauguração do plano da dualidade inerente ao próprio ego. Deixando a unidade do Ser, o ego se constitui como parte. Há, então, a parte (ego), que é manifesta ou consciente, e o todo (Ser), que é imanifesto ou inconsciente. Entre os dois há um terceiro que faz a função de intermediação, sendo simultaneamente, parcial e inconsciente. Ele é resultado do movimento que deu origem ao ego e recebe uma grande pressão para permanecer inconsciente, por conta da culpa de ter gerado o ego. Forma-se uma atitude defensiva em torno deste conteúdo para se evitar sua emergência. Como consequência desta estruturação se constitui um problema porque este



inconsciente intermediador das duas instâncias – ego e Ser – é tanto o ponto de passagem para se retornar ao Ser como também um lugar proibido por causa do conteúdo culposos que aí se encontra. **(diagrama 4)**



o  
mecanismo  
do erro  
do ego bom

41. Ao querer ser apenas ego bom, virtuoso, no vértice 4, o que ele faz é recalcar no inconsciente, o seu par oposto e complementar, o ego mau. Identificado única e fortemente com o virtuoso, sua tendência é negar tudo o que lhe seja diferente, considerando-o como seu oponente indesejável. O que ele realmente não deseja é o ego mau, que foi reprimido e gerador do ego culpado e do ego frágil. Lá do inconsciente, o ego mau, sem chance de se manifestar por conta das defesas que o mantém represado, permanece à espera do momento oportuno de se impor, no jogo de alternância, pertinente à dualidade. Como aparece esta oportunidade? Neste estágio quem se apresenta para se relacionar com ele é exclusivamente ele mesmo. Estamos no estágio do puro psiquismo. Os egos mau, culpado e frágil estão reprimidos. O Ser se lhe apresenta alheio à sua vontade, através de pensamentos e imagens que o ego não controla. E como vem do inconsciente, para se tornar manifesto tem que usar uma roupagem, e a que tem à sua disponibilidade é a que se encontra lá, no inconsciente, ou seja, os egos mau, culpado e frágil. O que o ego deseja é apenas o Ser, mas como este lhe bate à porta disfarçado numa veste que o seu próprio inconsciente (onde está o Ser) fez questão de lhe enfiar, por conta da negação, o ego bom, fecha-lhe a entrada, chamando-o de embusteiro, e mandando-o embora. O Ser sabe que para o ego ser inteiro, e ser uno, como deseja, ele precisa da parte que lhe falta, e por isto mesmo se apresenta e se oferece assim, nesta veste.

a transformação do  
ego nascente,  
de bom em mau

42. Como é fácil de se notar o que ocorre aqui é uma ação similar a do ego mau, na gênese do ego, ou seja, a repetição da separação do Ser. Embora a intenção o colocasse inicialmente como ego bom, com a continuação da sua ação o que se percebe é que o ego bom se transforma facilmente em ego mau. Isto mostra a relação íntima entre os dois tipos de ego. Dito de uma outra forma, também o ego nascente só é chamado de mau após a retomada da consciência que o qualifica como tal. Quando ele nasce sua intenção é de perpetuar o estado de plenitude do Ser por uma via distinta. Assim, ele está se considerando também com a qualidade positiva do Ser, e é exatamente esta intenção de ficar apenas com um aspecto (o que é inviabilizado por sua condição de ego), seja a partir do primeiro movimento, na gênese do ego, ou a partir do ego frágil, na tentativa da reparação, o que ocorre é que ele não se mantém como tal, e se transforma no seu oposto negado. O prazer do

primeiro instante, resultado da identificação com a parte boa, se transforma em dor a seguir, fruto da identificação com o ego culpado, que retrospectivamente muda o enfoque e transforma o ego bom em ego mau.

a transformação do  
ego reparador,  
de bom em mau

43. Ao desejar se identificar com o Ser, enquanto ego, não tem jeito e acaba mesmo é sendo ego. Ao desejar ser ego bom acaba mesmo é sendo ego mau. E o que há de similar entre os dois - ego bom e ego mau - é que ambos matam, rejeitam, ou deixam de se identificar com o Ser, e portanto se separam dele. A consciência retomada o qualifica como ego mau, e ocorre de novo a entrada nos vértices 1 e 2, e continuando, no vértice 3, de onde o ego frágil dirige a reparação, por meio do vértice 4.

o 2º componente  
reativo:  
a desistência ou  
a auto punição

44. Como a tentativa de solucionar pela reparação se mostrou inviável, tenta-se agora a nova via, que é a da desistência (o segundo componente reativo). O medo em grau extremo se transforma em fobia, em pânico, e faz com que o ego considere que seja melhor se entregar, num gesto de imolação ao que o conteúdo da ameaça lhe aponta, do que permanecer o tempo todo ante o risco do dano iminente.

a desistência  
modalizada  
com o conteúdo dos  
três medos

45. É melhor se isolar já, do que ficar na incerteza se terá ou não alguém para o acompanhar e preencher o vazio afetivo de sua existência. É melhor perder logo a razão, deixar de saber quem é, do que permanecer *borderline* mirando a cada passo o abismo do inconsciente que se entreabre ante aos seus pés, tentando sugá-lo. É melhor se matar de uma vez do que se deparar continuamente com a iminência da morte a qualquer momento para lhe desferir o golpe fatal, deixando cair a lâmina da foice que paira sobre o seu pescoço. Estes são os tipos de escolha que faz o ego, quando desiste de buscar a solução do seu drama pela via da reparação, que o faria identificar-se com uma qualidade de vida. Opta, então, por uma qualidade de morte, que é igual à desistência, ou num grau extremado, pela própria morte, culminando no suicídio.

as cinco emoções  
básicas

46. A respeito dos humores, emoções ou sentimentos dos vértices é preciso que se diga que cada um deles tem um representante principal. O do vértice 1 é a raiva, o do vértice 2, a culpa, o do vértice 3, o medo, o do vértice 4, a alegria, o do vértice 5, a tristeza. E eles todos são um só. Apenas se diferenciaram por conta da fragmentação gerada pela negação de se identificar com o Todo. A força similar de cada um deles é plausível de ser admitida quando se observa cada um deles se expressando em seu extremo superior. É que ali está presente, subjacente, o indiferenciado que assumiu uma apresentação específica através de cada um deles, e por onde circula em um dado instante. Assim se pode comparar o poder de uma raiva com o de uma tristeza, extremas, ou o de um medo com o de uma alegria, superlativos. O poder é o mesmo, o que muda é a intencionalidade, a direção e o resultado. **(diagrama 5)**

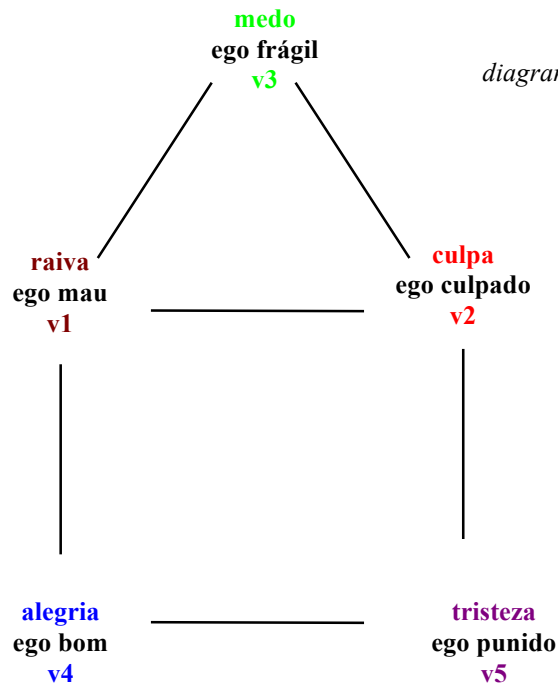


diagrama 5

a semelhança entre  
ego mau e ego bom  
(v1 e v4)

a semelhança entre  
ego mau e ego punido  
(v1 e v5)

47. O vértice 1 e o vértice 4 são um só também, e já foi possível mostrar a relação entre eles. O prazer que o ego mau busca no seu nascimento, é a mesma alegria que o ego bom busca na reparação, com a diferença de que o ego mau é assim qualificado pela consciência que retorna culpada, enquanto o ego bom surge na tentativa de reparar o erro, e tem à sua retaguarda uma justificativa para a sua ação, que em última instância é o próprio ego mau, ao qual ele precisa se opor. Enquanto o ego mau gera a culpa, o ego bom seria o eliminador da culpa.

48. Relacionando ainda os egos, uma outra composição necessária de ser explorada, exatamente pela proximidade que tem com a do v1 e v4, é a que se faz entre o vértice 1 e o vértice 5. Embora o ego nascente do v1 busque a vida, ele busca uma vida diferente que depois se revela como morte, ou seja, a existência dual, que apesar de mostrar a face da vida, está permanentemente ameaçada pela contraparte oculta que lhe espreita aguardando o momento exato de intervir e dominar. Se tomamos a vida deste plano, desde que ela surge aqui, à medida que o tempo avança mais se aproxima o momento da morte. Assim, viver aqui é caminhar para a morte. A coincidência máxima entre as duas se dá através do natimorto, aquele que já nasce morto. Voltando aos dois vértices, o ego nascente busca a vida, e para alcançá-la ele o faz somente mediante a “morte” do Ser. Para alcançar a vida de ego ele precisa matar o Ser, que nada mais é do que matar a si mesmo. O resultado é o encontro como uma forma de vida diferente da que almejava conquistar. O ego punido, que desiste de buscar o bem-estar, procura a morte, e o faz mediante a uma ação autodestrutiva, em que ele mesmo é o alvo de investimento da energia de morte. Embora também não alcance o resultado que almeje, conforme veremos a seguir, tem em comum com o ego mau, do vértice 1, não apenas este aspecto, mas também o fato

de matar a si mesmo. Ambos desejam algo diferente do que têm. O ego mau quer buscar a satisfação diferente da que lhe é dada experimentar no plano do absoluto. Para isto mata o Ser e adquire a vida dual. O ego punido quer fugir da dor que experimenta no plano do psiquismo puro, na finalização da dinâmica do ego. Para isto mata a si mesmo e adquire uma forma de vida, que significa ainda mais restrição à consciência. Restrição que já havia também acontecido no nascimento do ego, com o movimento inicial do ego mau.

a semelhança entre  
ego mau e ego frágil  
(v1 e v3)

49. Outra relação possível é entre o vértice 1 e o vértice 3. Poder-se-ia dizer que ambos são o mesmo, ou que o v3 é a imagem especular do v1. O v1 é o vértice ativo, enquanto o v3 é o passivo. No v1 o ego faz aquilo que ele sente ameaçado de lhe acontecer no v3, intermediado pela retomada da consciência, no v2. Se no v1 ele busca o prazer através da morte do outro, no v3 é ele o ameaçado de morte. Se ele abandona no v1, considerando o outro como prescindível ao seu bem-estar egoísta, no v3 ele sente que o outro é indispensável à sua felicidade e sofre ante à perspectiva de não tê-lo. Se no v1 ele estima que pode dispensar sua condição de não identificação, ou de estar identificado com o todo, no v3 ele vem a sofrer por conta do medo de não saber quem é, por achar que vai ficar louco se perder o porto seguro de sua identificação com o ego.

o 3º sintético

50. Desta forma foi esboçada a relação entre os egos, dois a dois, e tendo o ego mau como o elemento presente em todas estas composições. Outras ainda são possíveis, o que fica como um exercício para o estudante desta psicodinâmica do ego. Mas cabem ainda algumas considerações a respeito do vértice 2. Neste vértice está a consciência que absolve ou condena. É ela que, subjacente, dirige o ego frágil para a sua escolha. E ela pode fazê-lo movida por uma energia de vida, ou de morte, inspirada na qualidade do ego ou do Ser. Se nos deparamos com o ego frágil, que traz à sua retaguarda o erro vivido como prazer, mas condenado a posteriori pela consciência, que continuando o movimento da manifestação, se transforma a seguir em medo, em fragilidade. Fica a pergunta ante às duas possibilidades que se abrem para o próximo movimento, qual das duas transformações a seguir seria a mais saudável, a de buscar a reparação através do v4, ou a autopunição através do v5? Parece que à primeira vista seria mais saudável buscar a reparação do que a autopunição, mas isto é relativo. Porque quando se está na dualidade a saída apenas por um aspecto (querer ser um por meio do ego) pode ser insuficiente. Pode parecer que para ser sintético, ou dialético, seria necessário, escolher as duas, fazer uma integração entre ambas e sair por uma terceira (**o terceiro sintético**), que não é nenhuma delas apenas, mas que para surgir exigiria uma força, emergente da tensão entre as duas. Mas esta não exclui a possibilidade de este mesmo resultado ser encontrado com a opção por uma delas separadamente. Ou que, ao escolher uma delas, de acordo com a necessidade de um tempo interno de experiência, passado este tempo, se necessite de um outro tempo interno de experiência com a outra opção, que apareceria então como complementar. E como não sabemos em que instante nos encontramos, porque estas experiências não se armazenam de forma totalmente acessível ao consciente, pode ser que em relação a uma determinada situação pode parecer que o ego esteja optando por uma isoladamente, mas na verdade, ela

já compõe um par com uma vivência anterior, da outra parte, que o consciente não abarca.

a ambivalência  
(ativa e passiva)  
de cada vértice

51. Esta ambivalência, esta dubiedade, pertinente ao vértice 2 cabe também a todos os vértices, e fica aqui mais um exercício para a Psicodinâmica do ego, que é o de descobrir o aspecto positivo e negativo de cada ego.

a ambivalência  
(ativa e passiva)  
de cada vértice

52. Outra abordagem relacionada a cada ego diz respeito a seu caráter ativo, passivo. Os vértices ativos são o v1 e o v4. Os vértices passivos são o v2 e o v3. E o v5 é ativo-passivo, já que ele mesmo assume a ação que vem a sofrer. Isto tem uma importância com relação à prática terapêutica, conforme será exposto mais à frente.

a morte do Ser e a  
morte do ego

53. Ao optar pela desistência, com uma qualidade de morte (existiria uma opção pela desistência, ou seja, pelo v5, com uma qualidade de vida?), ele mata a si mesmo, quando culmina no ato do suicídio. Mas tal como o ego mau não mata verdadeiramente o Ser para nascer - este o acompanha permanentemente - também o ego punido não mata verdadeiramente o ego, apesar de sua opção pela morte. Mas uma restrição similar da consciência ocorre. A consciência do *Eu sou* (do Ser) se restringiu em *eu sou alguma coisa* (do ego), com o nascimento do ego. E agora, com a intenção, e a ação correspondente de matar o ego, assumidas pelo ego punido, no v5, a consciência do ego se restringe mais ainda, e o psiquismo sofre uma condensação.

### O retorno ao Ser – a iluminação como cura da enfermidade

a relação entre  
Absoluto,  
psiquismo e matéria

54. Com a “morte” do Ser a consciência desce um nível e sai do plano divino para entrar no plano psíquico. Com a “morte” do ego ela decai mais um nível e passa do plano psíquico para o plano material. A ação do ego, com a intenção de desistência não alcança exatamente o objetivo almejado de matar de verdade o ego, mas não deixa de alcançar um resultado parecido, já que a condensação do psiquismo vai gerar uma transformação intrínseca nesta energia psíquica, originando a matéria. Tal como o psiquismo foi a consequência da morte do absoluto ou da unidade, a matéria é o resultado da morte do psiquismo.

psiquismo e matéria:  
condensações em  
graus variáveis  
da Luz

55. Se pela Teoria da Relatividade a matéria é energia condensada, nesta abordagem a matéria é psiquismo condensado. E energia e psiquismo estariam intimamente vinculados, expressando um mesmo nível da manifestação. A energia, que até agora foi impossível de ser definida pela ciência, guarda uma extrema intimidade com o psiquismo, também igualmente indefinível. Ambos são forças decaídas de um nível superior, aquele que não pode ser mais abordado como nível. Poderíamos falar, hipoteticamente, que este nível, do qual não se pode dizer, a não ser como o *quase-absoluto*, que é uma figura ou um termo criado com o devido pedido de licença acadêmica, se apresentaria como a luz divina, não fenomênica. A luz, consciência pura, do plano absoluto, se condensa em energia ou psiquismo, no plano energético ou espiritual, e o psiquismo se coagula em matéria, no plano existencial.

- os reinos da natureza
- a evolução da consciência pelos reinos
- a matéria como lugar da evolução da consciência
- a relação entre o Ser e o ego para o despertar da consciência
- o ego nas espécies
- o Ser nas espécies
56. A dinâmica do ego, após percorrer o circuito dos estágios nos vértices, de forma simples e elementar, cai para o nível material, e se apresenta inicialmente na forma de organização mais elementar do mundo físico, que vem a ser o átomo de hidrogênio. Esta matéria simples vai se organizando e se desenvolvendo através dos reinos mineral, vegetal, animal e hominal.
57. Assim, como por detrás de qualquer manifestação do ego era possível perscrutar a presença do Ser, agora em qualquer manifestação da matéria é igualmente possível pressentir não apenas a presença do Ser, mas também a do ego, intermediando os dois níveis. E o Ser, através do ego, dirige o movimento evolutivo da matéria, soprando nela o despertar da consciência.
58. Se a vida dorme no mineral, sonha no vegetal, agita-se no animal, e desperta no homem, como sabiamente sintetizou Leon Dénis, um filósofo espiritista, poderíamos acrescentar, que vive com toda a sua grandeza no anjo, expressão iluminada do Ser. No processo da queda, a consciência chega ao máximo da descida na matéria bruta, com a permissão do Ser, mas a seguir começa também seu longo e contínuo processo de ascensão, com a re aquisição da consciência, através da interação deste psiquismo latente, adormecido, com o meio externo que lhe solicita adaptação para sobreviver, tendo como intermediário a matéria, e propulsionado pelo Ser. Esta matéria vai registrando na sua carne o resultado deste entrechoque, do dentro com o fora, pelos evos de experiência afora, e faz gerar transformações da estrutura e da função, que fica gravado nos milhões de espécimes que vão constituindo a manifestação da vida, para falar apenas de um minúscula morada do universo - a nossa abençoada Terra.
59. Propulsionado pelo Ser a consciência vai realizando o caminho do seu despertar à medida que sente os desafios e lhes responde. O desafio da sobrevivência lhe solicita mudanças, e esta solicitação sendo auscultada no mais profundo de sua intimidade, faz surgir um espaço de experiência, onde o Ser e o ego se comunicam, e mais vida é insuflada no ego, que proporcional às necessidades que vai sentindo abrem-se canais, através dos quais o Ser lhe assegura mais possibilidades, retiradas do seu manancial infinito. Como resultado a vida na matéria se torna mais complexa, e a consciência se desperta noutros graus.
60. Os vários egos, que vão se condensando, vão palmilhando os estágios que as espécies nos reinos proporcionam, não somente por estas já preexistirem, mas também porque o potencial deste caminho é intrínseco em cada um, que de acordo com a necessidade as fazem aparecer, tal como aconteceu com os primeiros representantes de cada espécime. E então, o outro surge como uma entidade independente, concreta, tangível, e o relacionamento objetivo se estabelece.
61. A vida está presente em todas as partes que se manifestam, sejam elas representantes de qual reino for. Isto porque não somente há a consciência mais ou menos adormecida em cada parte, mas principalmente porque ali também subjacente está presente o Ser, que é Deus em nós e em toda parte. Seja qual for a matéria, a planta, o animal, a pessoa, com quem nos relacionemos, ela é, em última instância, consciência pura, ou é o Si mesmo que está ali presente. Ela e eu somos um só.

a dinâmica do ego do  
psiquismo puro  
é retomada  
no ser humano

a relação de  
semelhança  
entre  
as duas dinâmicas

a diversificação da  
dinâmica do ego  
através da persona

o carma

o samsara

iluminação  
- a cura da  
enfermidade

o trabalho com a  
dinâmica do ego  
visando a iluminação

62. Assim que o ego percorre a sua evolução pelas espécies dos reinos e chega ao reino hominal ele retoma o grau de consciência que tinha antes de condensar psiquismo em matéria. E esta matéria tem o grau de complexidade que permite a manifestação da dinâmica psíquica que se deu a conhecer quando esta foi exposta como psiquismo puro.
63. Há então uma coincidência das duas dinâmicas do ego, a que se manifestou primeiramente como psiquismo puro, e esta agora que se manifesta através do homem. Por meio desta, inerente ao homem, se pode conhecer aquela primária, espiritual, energética, metafísica, arquetípica. Assim como é embaixo é em cima...
64. A cada tipo de ego do plano espiritual corresponde a uma forma de persona do plano existencial. Ao ego mau corresponde a persona má, ao ego culpado a persona culpada, e sucessivamente até chegar no ego punido. A dinâmica do ego tem também a dinâmica da persona correspondente. Logo tudo o que foi exposto para a dinâmica do ego vale para a dinâmica da persona, e quase que invariavelmente será adotado o termo ego, seja para a dinâmica, seja para o vértice, independente de se estar falando do plano psíquico ou do plano existencial. Mas é importante saber que existe a dinâmica da persona porque é através desta que a dinâmica do ego vai se tornando mais complexa ou expressando sua vasta diversidade. Os núcleos que compõem os vértices ou os tipos de egos da dinâmica vão se ampliando pelo conteúdo das experiências, no plano físico.
65. A pessoa encarnada, vivendo no plano existencial, nasce, se desenvolve e morre. Desaparece aqui como pessoa, como persona, mas não como individualidade, já que o ego, ou espírito, que esta é, continua vivo, retornando ao plano espiritual, de onde partiu para a existência que finda. As experiências pelas quais passou por aqui ficam registradas e armazenadas nos núcleos dos vértices do ego. E dependendo da sua qualidade elas podem condensar ou sutilar mais estes núcleos, o que dito de uma outra forma seria, comprometer ou aliviar o carma. A lei do carma impõe que cada um receba de acordo com suas obras. É a lei da ação e reação.
66. O conjunto destas vidas ou encarnações compõe o que os hindus denominam de *samsara*, ou ciclo de morte e renascimento. E enquanto houver carma tanto há a necessidade de reencarnar, como há impedimento à iluminação, que não é outra coisa que não a vida plena e feliz do Ser, ou seja a morte definitiva do ego, o retorno ao plano do absoluto.
67. A iluminação definitiva ocorre com a morte do ego, e isto não há que ser simultaneamente à morte da persona. Se não for, esta continua presente nos lugares e nas atividades que compõem o seu campo de expressão, com a diferença de que ela não mais se identifica com a personalidade. Faz o que pode e o que pode é o necessário. Ou faz o que é necessário e o necessário é o que pode. A iluminação coincide com a cura da enfermidade.
68. Há as pequenas iluminações, que consistem na morte transitória do ego, que retorna após um lapso de tempo. E se, em função de um carma ainda grande a maioria de nós necessita bastante tempo de vida, o que inclui inúmeras encarnações, antes de experimentar a iluminação definitiva, é do dever de todos aqueles que já compreenderam o sentido da existência, investir neste

caminho, buscando as pequenas iluminações. Uma forma de realizar isto decorre do trabalho com os cinco tipos de ego, segundo a dinâmica aqui exposta.

desidentificação:  
aceitar, integrar e  
transcender

69. Primeiro é necessário conhecer os cinco tipos de ego - mau, culpado, frágil, bom e punido, em suas várias expressões. Em seguida, aceitá-los, integrá-los e transcendê-los, para retornar a consciência oceânica do “Eu sou”, que irradia a Verdade, o Amor e a Alegria, como sendo uma única coisa.